

# A R E G E N E R A Ç Ã O

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Propriedade de: dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director e Editor

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

## FIGUEIRÓ

### e as faltas de Água

Já por algumas vezes estas colunas se fizeram eco da situação anormal que atravessa a distribuição domiciliária de água à vila.

Hoje, registamos a manutenção do *status quo* ao longo da quinzena, e vamos referir os transtornos que ele causa à população.

Antes, porém, rememoremos a notícia dada aqui há quinze dias. Dissemos então que a água vem faltando por via de regra da hora do jantar (depois das 19 horas) até à manhã do dia imediato. 'Ultimamente a anomalia prolongou-se pelo dia fora por motivo de reparação de tubos rebentados (casos da rua do Sol rua dr. Martinho Simões e Fonte das Freiras por exemplo), fenómeno aliás muito frequente nos últimos tempos. Estamos a recordar-nos até dum destes casos ocorrido há tempo no Bairro Novo provocador de tal enxurrada que descendo em cascata veio inundar a Avenida Salazar! E já agora mais um exemplo: aquele acidente aqui a dois passos da nossa Redacção em que uma camionete de carga estacionada junto à berma do lado do quintal do sr. dr. Artur Agria se voltou carregada de toros de madeira pelo facto do terreno desse lado ter abatido ao que parece devido à pouca profundidade a que passa o tubo condutor da água.

Noticiámos ainda que o precioso líquido se nos deparava quando das suas «milagrosas» aparições com aspecto turvo, tipo leitoso, causando repugnância e dúvida a quem como nós desconhece as causas do sucedido.

É certo, e com reserva o referimos, que se diz tratar-se de resultados da calcinação a que a água é sujeita.

Continuamos, porém, na dúvida... primeiro porque nos

parece que após as operações de decantação e filtração, não há motivos para tal; depois porque ainda o não ouvimos de nenhuma pessoa idónea.

Vejamos então os inconvenientes da falta de água.

Figueiró, a quem persistimos em chamar grande cartaz de turismo, possui um hotel, meia dúzia de pensões e casas de pasto, meia dúzia de cafés, uma infinidade de tabernas, um hospital, uma corporação de bombeiros, sentinas públicas(?), uma Casa do Povo com instalações sanitárias e balneárias muito aceitáveis e tantos outros estabelecimentos de interesse público para quem a existência da água em abundância e a qualquer hora é indispensável, sob pena de prejuízos que é fastidioso enumerar.

Omitimos as casas particulares, que mensalmente pagam

Continua na 4.ª página

### Dá Deus as Nozes...

Como todos sabem, cerca de uma hora do passado dia 9 do corrente foram os Bombeiros Voluntários de Figueiró dos Vinhos chamados para combater um incêndio que se declarou num moinho sito à Ribeira de Alge onde por sinal os valorosos rapazes viram a sua acção limitada ao rescaldo pois foram solicitados tardiamente por alguns figueirense que ali passaram acidentalmente.

Naturalmente, tocou a sirene o suficiente para chamar a atenção de quem àquela hora dormia como justo...

Pois imaginem, caros leitores, na manhã seguinte houve quem comentasse desfavoravelmente o facto da sirene haver soado ao ponto de despertar a pacífica população que «nada» tinha que ver com o acidente...

Ora... valha-nos Deus! Que comentário merecerá tal reclamação?...

**M. R.** Podemos informar que do moinho, onde dormia o sr. Joaquim Marques, nada se aproveitou, perdendo-se muito milho e farinha. Só por milagre o moleiro não morreu carbonizado, pois acordou já com queimaduras no rosto e na cabeça.

O incêndio terá sido provocado por uma vela que o

Continuação na segunda página

## Não se acredita!

A leitura do editorial de «A Regeneração» de 1 do corrente acerca da *electricidade*, luz material, luz do corpo, pouca e má, sugeriu-me a lembrança da publicação de algumas considerações sobre a luz do espírito, a instrução e a má qualidade dessa luz no que diz respeito ao ensino da língua pátria na Escola Secundária desta vila.

E' que na Escola Secundária de que é proprietária a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, estabelecimento onde é ministrado o ensino liceal aos dois primeiros ciclos, vêm-se passando *coisas*, de há tempos a esta parte, que não se acreditam, que deixam a gente belfos de admiração e espanto...

Pelo conhecimento destas *coisas*, que chegou até mim pela consulta de alunos dos 3.º e 5.º anos da mesma Escola, relativamente ao ensino de Português, eu, falando no dia sete do corrente, com o senhor Director da

referida Escola, disse-lhe que, novamente, não estávamos bem servidos de professora de Português, pois me parecia que ela não navegava bem nestas águas

O senhor Director não concordou. Pois então aí vão, bem mais eloquentes do que as minhas palavras, alguns factos, de que tive conhecimento e a que, por desnecessários, farei, apenas, os comentários indispensáveis para manter no espírito dos alunos, que me consultaram, a doutrina que lhes transmiti e que me parece a verdadeira embora não conforme à ensinada pela professora da Escola Secundária conforme declaração dos seus alunos.

Eis os factos pelos quais o «público» poderá julgar da qualidade do ensino de Português que está sendo ministrado no referido estabelecimento.

—Numa aula do 3.º ano, a

Continuação na 4.ª página

## O PROBLEMA DA LUZ

### Ilibada de culpa a Companhia Eléctrica das Beiras

*A propósito do artigo inserto no n.º 982 de «A Regeneração» e no qual analisámos a situação anormal do fornecimento de energia eléctrica à vila, dignou-se a Companhia Eléctrica das Beiras enviar-nos um Ofício subscripto pelo seu Director Delegado, no qual se afirma nomeadamente:*

Ao Jornal «A Regeneração» — Figueiró dos Vinhos  
Ofício n.º 12490 Coimbra, 10/XI/959

Ex.mo Sr. Director

«Em resposta, e aludindo ao artigo «A Electricidade», cumpre-nos apenas esclarecer que a energia que esta Companhia entrega em alta tensão, para abastecimento de Figueiró dos Vinhos, tem características idênticas às da energia que distribui nos outros concelhos da sua concessão. Quanto a esta, o próprio artigo inclui a afirmação de que é «boa».

Com os protestos do nosso apreço, etc.»

*Como se verifica a energia que nos envia a C. E. B. tem características idênticas às dos outros concelhos da sua concessão e neste ponto cessa qualquer parcela de culpabilidade que pretendamos assacar à dita Companhia. Simplesmente... a energia em Figueiró é da qualidade que todos sabem...*

*Parece provado, portanto, que não é das Beiras a energia que gastamos, pelos menos a certas horas, já que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos em idênticas circunstâncias.*

*Donde é, pois? Apenas sabemos que é mais cara do que a energia de melhor qualidade que a C. E. B. fornece a outros concelhos da sua concessão. Será preciso escrever mais em abono da afirmação Figueiró possui um contrato desvantajoso?...*

*Por que não dar às Beiras ou a qualquer outra Companhia ou Serviço a concessão exclusiva e directa do fornecimento de energia a Figueiró dos Vinhos?*

*Senão vejamos. Na Tarifa Doméstica em vigor nos concelhos de Ansião e Pombal, por exemplo, verifica-se a seguinte diferença de preços:*

Tipos de Casas		Mínimos	1.º Esc.	2.º Esc.	3.º Esc.
Divisões	Categ.	Fig.º Beiras 2\$50 2\$00	Fig.º Beiras 2\$50 2\$00	Fig.º Beiras 1\$50 1\$00	Fig.º Beiras \$70 \$40
3	1.a	2	5	9	Exced.
4	2.a	2	6	10	»
5	3.a	3	8	12	»
6	4.a	3	10	14	»
7	5.a	3	12	16	»
8	6.a	3	14	18	»
9 ou 10	7.a	5	17	21	»
11 a 13	8.a	5	22	26	»
14 a 16	9.a	8	28	32	»
17, etc.	10.a	8	35	39	»

*Por ser esta a que briga mais directamente com as economias particulares, convidamos os nossos*

Continua na quarta página

## Aos Campelenses

Com vista ao melhoramento das condições em que se encontra a Igreja Paroquial, quer no concernente ao templo em si, quer ao seu recheio, acaba de se constituir uma Comissão formada pelo sr. Padre Manuel Luis, prior da freguesia; pelo sr. João Morais Rosa, presidente da Junta de Freguesia; e pelo nosso particular amigo e representante em Lisboa, sr. Artur Martinho Simões, ilustre Director Geral da Administração Política e Civil, do Ministério do Interior.

Propõe-se a referida comissão chamar a atenção de todos os naturais da freguesia de Campelo para os deveres que têm para com a igreja «património espiritual de todos nós», exortando-os a «ligar, para sempre, o seu nome à melhoria de condições da nossa Igreja, que devemos a ilustres conterrâneos nossos, que já lá vão e cuja memória nos incumbe honrar, conservando e dignificando o magnífico templo que eles levantaram, para nós e para os nossos vindouros».

E' na verdade instante o apelo da ilustre Comissão, pois a linda Igreja lamenta o abandono dos seus filhos até porque todos nós sabemos que a freguesia está a sofrer um grande despovoamento o que concorre para a diminuição dos rendimentos da Igreja. O interior do templo é duma pobreza confrangedora, que impressiona dolorosamente todos os que conhecem as outras freguesias, os quais, apesar de menos importantes, se encontram tratados com maior dignidade, graças à dedicação dos respectivos paroquianos.

E' para este estado de coisas que se solicita a inteligente e carinhosa atenção de todos os amigos da nossa freguesia aos quais se pede «não se limitem a oferecer simplesmente o seu contributo, mas colaborem activamente nesta campanha à roda dos seus amigos que não deixarão de se associar também».

Roga-se a cada qual que envie o produto da generosidade de todos a qualquer dos membros da Comissão que oportunamente darão publicidade dos resultados obtidos e das obras realizadas.

O produto da generosa boa vontade de todos terá aplicação às mais instantes necessidades da Igreja, a começar pela aquisição de bancos em número suficiente.

As nossas colunas ficam igualmente ao dispor da Comissão e também ao de todos os nossos leitores que queiram por nosso intermédio fazer chegar até ela os seus generosos donativos

## Agradecimento

António Martins Nunes, encontrando-se já em convalescença da operação que sofreu, vem agradecer a todos os seus patrióticos e amigos, o interesse que sempre manifestaram pelas suas melhoras, uns, que muitos foram, visitando-o na Casa de Saúde em Coimbra ou em casa de sua família em Figueiró, e outros informando-se por vários meios da evolução da doença.

Profundamente sensibilizado por tantas provas de amizade, a todos fica eternamente reconhecido,

## Manuel da Silva

Como «A Regeneração» noticiou no seu último número, o sr. Manuel da Silva, natural do lugar da Amieira (Chão de Couce), contribuiu com a avultada quantia de sessenta mil escudos para a construção duma capela em honra de Santo António, naquele lugar, e cuja festa de inauguração este mesmo jornal desenvolvevidamente relatou.

Bem se pode considerar mais uma iniludível prova de são



bairrismo, de arreigada fé e de amor ao torrão natal, este gesto de um tão generoso benfeitor. Na verdade, há mais de meio século ausente na Nação irmã, na cidade de Santos, o sr. Manuel da Silva, que é casado com a sr.<sup>a</sup> D. Herminia Pires, nunca esqueceu a sua terra, a sua família, os seus amigos. Os pobrezinhos ocupam um lugar especial no seu coração — não podiam mesmo ser postergados, atentas as excelsas virtudes cristãs de católico fervoroso que exornam o belo espirito de sua Ex.<sup>a</sup> e de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa.

Quando, em 1950, nos deram a honra da sua visita, após 41 anos ininterruptos de ausência, e, mais recentemente, em 1957, muitos foram as provas de carinho, de afeição e de dedicação que para com todos demonstraram.

Com muito gosto aqui dizemos que o sr. Manuel da Silva, além de figura preponderante no Comércio Santista é, também, um elemento de destaque no meio católico daquela mesma cidade de Além Atlântico.

Que nos perdoe sua Ex.<sup>a</sup> esta nossa ousadia, mas de há muito que lhe devíamos uma palavra de público agradecimento de que estas poucas linhas pretendem ser sentido testemunho.

Fórmulamos os mais ardentes votos pela precisa saúde de sua Ex.<sup>a</sup> e de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e exprimimos o sincero desejo de dentro em breve os vermos definitivamente entre nós.

P.<sup>o</sup> A. Amado

## DONATIVO

Do sr. António Dias Coelho, pai do nosso querido amigo e correspondente em Santos, sr. Dr. Eduardo Dias Coelho, recebemos a generosa oferta de mil escudos com que o nosso ilustre amigo anualmente distingue as instituições de beneficência da nossa terra. Foram remetidos à Casa da Criança em nome da qual lhe exprimimos os nossos sinceros agradecimentos,

## Dá deus as nozes

Continuação da primeira página

dito Joaquim Marques deixará acesa ao adormecer.

Uma vez mais se fez sentir a falta de comunicações telefónicas permanentes. Se as houvesse teria sido muito diferente o resultado do sinistro...

Lemos há tempo que esta vila não tem direito a tal melhoramento por não possuir o número suficiente de postos. Visto que também se noticiou irem os deficientes telefones de Campelo ser ligados a Figueiró dos Vinhos, o que também ainda se não fez, talvez fosse possível conjugar os dois melhoramentos... Qual a opinião da Administração Geral dos C. T. T. P.?

## NO DIA DE S. MARTINHO

Querido leitor, não desconhece certamente as palavras que faltam para completar o provérbio que serve de título a este meu pequeno apontamento, pois não? Quem as não havia de conhecer, pois que desde criança, nas classes primárias elas se aprendem.

Pois é verdade, mais um S. Martinho passou e com ele um dia folgazão para todas as classes. Porém, eu chamo a atenção do leitor para as aldeias, visto ser nelas onde se passa o tradicional dia com as suas mais vindicadas características.

Um proprietário pobre que seja mas que tenha a sua adega, neste dia convida os amigos para provarem o primeiro vinho da última colheita. No meio de grande expectativa abre-se o pipo e dele brota o precioso e tão esperado líquido.

Ainda que a expectativa seja grande, criada à volta desse momento de uma simplicidade tão solene, o vinho não se prova sem que primeiro seja visto à luz do dia a fim de avaliarem e de se certificarem se ele possui ou não as características de um bom vinho. Geralmente ouve-se sempre estas exclamações: «Oh que linda cor! está espelhadinho!»

Em seguida tem lugar a prova, e então o primeiro copo é saboreado aos «golinhos» também no meio destas exclamações: «Mas que boa pinga! sim senhor, não deve cá haver melhor.»

O proprietário, por sua vez, vaidosamente procura justificar-se do modo como fabricou o tão enaltecido vinho.

Depois não faltam as tradicionais castanhas, cozidas e assadas, e a tão imprescindível sardinha assada e a par destas tão preciosas iguarias é copo cheio, copo vazio.

E depois desta primeira parte segue-se a peregrinação pelas restantes adegas e em todas elas se repete o mesmo cerimonial, as mesmas palavras, as mesmas castanhas e as mesmas sardinhas. Por fim, quando começam a «aquecer» têm lugar as cantigas, os despiques e as danças no meio de grande e alegre alarido.

Este dia fica assim memorável, e por vezes de que maneira, mas deve continuar a repetir-se através de todas as gerações.

Lisboa, 11 de Novembro de 1959.

João Soares Fernandes

## A Escola Primária de Cabeças está uma vergonha!

Embora estejamos em pleno século XX em que a ciência parece ter encontrado a hipotética chave dos enigmas que ocultava ao homem; embora as nações sigam, aceleradamente, incitadas como que por um grito uberrimo para uma maior cultura e uma civilização mais harmoniosa; hé, contudo, certos pormenores aqui e além que pretendem mergulhar o homem num quase nomadismo que já não há razão de existir.

Nós, portugueses, vimos assistindo, quotidianamente, no nosso lindo Portugal a um esforço digno insuflado pelos nossos sapientes Chefes em prol duma Nação mais próspera.

E' dispensável fazer quaisquer considerações sobre a vasta Obra do Estado Novo que tem vincado o seu nome nos lugares mais sertanejos da nossa Terra.

Contudo, e talvez porque não haja quem levante a sua voz imploradora, ainda se assiste a certas anomalias como esta que se segue:—A Escola Primária de Cabeças está a funcionar há umas boas dezenas de anos num edificio de particulares. O deficiente mobiliário foi angariado por um dois ou três homens da tão feliz iniciativa, e então procurou-se um edificio provisoriamente, que sem dúvida daria num óptimo sobrado para baterias, outros mais optimistas diriam que seria um bom palheiro, mas eu discordo pela sua fértil humidade.

Há pouco, porque os toscos bancos e as rudimentares mesas quadrangulares que faziam parte do único património da escola estavam completamente destruídas, foram substituídas por outras não menos absolutas, que outras escolas não quiseram conservar por mais tempo.

Agora, com a chegada do inverno lá estão a senhora professora e os alunos a serem o sacrificio do seu mau estado; ameaça ruína pelas acentuadas fendas que se podem observar nas paredes, o telhado tornou-se muito rendilhado e a água cai pela escola, e nota-se uma forte corrente de ar pela ausência dos vidros que se têm ido quebrando e nada de substituí-los. Finalmente, resta-me acrescentar que a falta duma casa para o professor e em especial a falta de instalações sanitárias é uma vergonha sob os aspectos da moral e da higiene!

Celestino Ferreira

## António Martins Nunes

Já refeito da intervenção cirúrgica a que se submeteu, esteve alguns dias em casa de sua família, nesta vila o nosso prezado assinante e amigo, sr. António Martins Nunes, distinto cirurgião-dentista, em Coimbra.

## MAIS UM...

A acrescentar aos «poucos» buracos das ruas desta santa terra, assinalamos hoje mais um no cruzamento do Rego, isto é, no local onde foi remendado o tubo da água.

Não tem importância... mas ontem ficou lá «presa» uma camioneta!

## O Chatariz do Campelinho

Continuação da quarta página

eucaliptos a única solução, visto a substituição ao menos naquele local dos canos de Lusalite por outros de ferro deve ser impraticável pelo dispendio que acarreta.

Vários pedidos neste sentido têm sido formulados, segundo parece.

Últimamente deslocou-se ao local uma deputação da Câmara Municipal chefiada pelo sr. Presidente, e ter-se-á concluído ser urgente o corte e arranque dos eucaliptos, cujo possuidor ignoramos, mas por certo não gosa de imunidades especiais.

Contudo... as «inofensivas» árvores continuam a estragar tubos e nascente sem que se vislumbre o machado salvador.

Por que se espera para ordenar o corte dos eucaliptos? Será devido aos encargos que o serviço acarreta?

E' inverosímil Esperamos que muito em breve este anseio dos campelinhenses seja satisfeito. E' justo e a manutenção deste estado de coisas, invalida o que a todos custou dinheiro e sacrificio.

R. D.

## Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

2.<sup>a</sup> publicação

E'ditos de 20 dias

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Figueiró dos Vinhos e secção, nos autos de execução de Sentença que a firma Antero A. Simões Seguro & C.<sup>a</sup> Lda, com sede nesta vila, move contra António Ramos Marrafa, viúvo, comerciante, residente na vila e comarca de Ponte Sôr, correm éditos de 20 dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mesma execução. Figueiró dos Vinhos, 23 de Outubro de 1959.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Américo Gois Pinheiro

O Chefe da Secção

Américo Castanheira

## Pelo Hospital

No passado dia 12 do corrente foram efectuadas no Hospital da Misericórdia 18 intervenções cirúrgicas pelo eminente Prof. Senhor Doutor Bissaya Barreto, que teve como assistentes os médicos locais.

E' satisfatório o estado dos doentes.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

**Anúncio**

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

2.ª publicação

**Arrematação de prédios**

No dia 24 do próximo mês de de Novembro, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, na Execução de sentença que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal contra António Mendes da Silva, solteiro, maior, comerciante, e Cesaltina Mendes, divorciada, ambos residentes no lugar de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, desta comarca, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos daqueles executados:

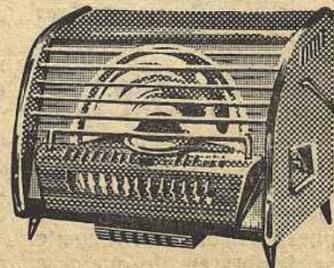
- 1.0 Chão de castanheiros, ao Vale do Estêvão, limite das Casas Velhas, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 13.034. Vai à praça pelo valor de 250\$00
- 2.0 Um talho de terra de mato, sto ao Vale Estêvão, limite das Casas Velhas, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 13.040. Vai à praça pelo valor de 250\$00
- 3.0 Um talho de terra de sementeira, sito ao Porto do Moinho, limite do Casal, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 10.695. Vai à praça pelo valor de 151\$00
- 4.0 Um poeio com oliveiras, sito ao Covão, limite do Casal, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 10.790. Vai à praça pelo valor de 150\$00
- 5.0 Um poeio com oliveiras, sito ao Vale, limite do Casal, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 10.825. Vai à praça pelo valor de 80\$00
- 6.0 Um poeio com oliveiras, sito à Costa do Casal, limite do Casal, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 10.920. Vai à praça pelo valor de 85\$00
- 7.0 Uma terra de sementeira e pinheiros, sito ao Ribeiro, limite do Vale do Vicente, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 12.384-1/4. Vai à praça pelo valor de 655\$00
- 8.0 Um talho de terra, sito ao Ribeiro, limite do Vale do Vicente, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 14.484. Vai à praça pelo valor de 200\$00
- 9.0 Um chão de castanheiros, sito ao Vale dos Castanheiros, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 12.933. Vai à praça pelo valor de 160\$00
- 10.0 Um poeio com oliveiras, sito à Ladeira, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 11.734. Vai à praça pelo valor de 100\$00

- 11.0 Três quartas partes de um poeio com oliveiras, sito ao São João, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 11.526. Vai à praça pelo valor de 150\$00
- 12.0 Um poeio, sito ao São João, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 11.533. Vai à praça pelo valor de 50\$00
- 13.0 Uma terra de sementeira com oliveiras, sita à Cova, limite de Aldeia Fundeira, inscrita na matriz sob o artigo 11.092. Vai à praça pelo valor de 2.550\$00
- 14.0 Um poeio com oliveiras, sito ao Vale das Areias, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob o artigo 11.418. Vai à praça pelo valor de 95\$00
- 15.0 Um poeio com oliveiras, ao Castelo, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrito na matriz sob os artigos 11.378, 11.382 e 11.384. Vai à praça pelo valor de 700\$00
- 16.0 Um talho de terra, sita à Fontinha, limite do Castelo, da freguesia de Campelo, inscrita na matriz sob o artigo 12.882. Vai à praça pelo valor de 250\$00
- 17.0 Uma sorte de mato, ao Vale dos Maços, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrita na matriz sob o artigo 12.839-1/4. Vai à praça pelo valor de 230\$00
- 18.0 Uma sorte de mato, ao Vale dos Maços, limite do Castelo, freguesia de Campelo inscrita na matriz sob o artigo 10.790. Vai à praça pelo valor de 190\$00
- 19.0 Terreno com mato, ao Vale dos Maços, limite do Castelo, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 501\$00
- 20.0 Um terreno de mato, ao Vale dos Maços, limite do Castelo, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 301\$00
- 21.0 Terreno de mato, na Lombinha, limite do Castelo, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 341\$00
- 22.0 Terreno de mato, ao Alto da Lameira, limite do Vale do Vicente, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 201\$00
- 23.0 Terreno de mato, na Relva

- Fundeira, limite dos Corticinhos, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 151\$00
- 24.0 Terreno de mato, ao Barroco da Cruz, limite dos Corticinhos, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 151\$00
- 25.0 Terreno de mato, à Lomba do Marco, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 151\$00
- 26.0 Terreno de mato, no Alto do Marco, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 101\$00
- 27.0 Sorte de mato, ao Alto do Marco, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 101\$00
- 28.0 Uma sorte de terra com oliveiras, sito ao Vale das Eiras, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrita na matriz sob o artigo 11.418. Vai à praça pelo valor de 13\$20
- 29.0 Uma sorte de mato, ao Barreiro, limite do Castelo, freguesia de Campelo, inscrita na matriz sob o artigo 11.219. Vai à praça pelo valor de 26\$40
- 30.0 Uma sorte de mato, sito ao Fontão Fundeiro, limite do Fontão Fundeiro, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 300\$00
- 31.0 Uma sorte de mato e pinheiros, sito ao Casal, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 300\$00
- 32.0 Uma sorte de mato e pinheiros, sito à Cruz, limite de Aldeia Fundeira, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 700\$00
- 33.0 Uma sorte de mato, sito à Costa Salgueirinha, limite do Castelo, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 200\$00
- 34.0 Uma sorte de mato, à Serra, limite do Castelo, freguesia de Campelo, omisso na respectiva matriz. Vai à praça pelo valor de 50\$00
- 35.0 Metade de três quartas partes de uma casa e quintal, no lugar do Castelo, freguesia de Campelo, inscrita na matriz sob o

**VIVA CONFORTAVELMENTE  
Com o Radiador « P. E. »**

O aquecedor a petroleo, de linhas harmoniosas, económico no consumo, e que maior irradiação de calor produz.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fornecem catálogos os distribuidores exclusivos:

**SUDE, LDA.** R. António Pedro 68 - 1.º Esq.º LISBOA Telefone 41330

Lembre-se que a

**OLIVA**

tem garantia por toda a vida e custa menos

**1.000\$00**

que as da concorrência. A substituição de qualquer peça é completamente grátis

VISITE AS

**OLIVAS**

em especial a **OLIVAMATIC**

em exposição na

**OURIVESARIA**

*Lourenço*

em Figueiró dos Vinhos

TELEFONE-105

Vendas a pronto e a prestações desde **30\$50** por semana



COSTURA PASSAJA E REMENDA

**OLIVA**  
ZIGUEZAGUE

artigo 718. Vai à praça pelo valor de 9.010\$00

Figueiró dos Vinhos, 26 de Outubro de 1959.

O Chefe da Secção

(Américo Castanheira)

Verifiquei

O Juiz de Direito

(Américo Gois Pinheiro)

Jornal «A Regeneração» N.º 983 de 15 de Novembro de 1959

**Vende-se**

Casa de habitação ao cimo da Vila com bastantes divisões, grande quintal com videiras, árvores de fruto, moinho de vento para tirar água, etc. Informa esta redacção.

Lede este jornal

## NÃO SE ACREDITA!

Continuação da 1.ª página

professora, senhora D. Maria Júlia Pereira de Oliveira chamou à partícula — com — na frase — *entristecem em o silêncio das aves — conjunção subordinada causal (!!!)*.

O caso passou-se assim:

A referida professora estava corrigindo um exercício de Francês, em que os alunos, alguns, tinham empregado a palavra *avec* para a versão da partícula portuguesa — com, certamente sem se lembrarem de que *avec* tem sentido de companhia ou concomitância e não tinha cabimento naquele caso em que exprime a causa.

A professora reprovou o emprego de *avec* e, para melhor se explicar, certamente, perguntou a vários discípulos a classificação morfológica da partícula *com*, em Português e na citada frase: *com o silêncio das aves*.

Alguns dos alunos responderam que era uma preposição simples, outros uma conjunção, até que uma aluna disse que era uma conjunção subordinada causal, ao que a professora respondeu, confirmando, pouco mais ou menos por estas palavras: *pois claro, não é preciso saber muito para dizer isso*.

Há na afirmação da aluna um duplo erro, confirmado pela professora: nem *com* é uma conjunção causal, mas uma preposição simples, e, que o fosse, não seria subordinada, mas subordinativa.

Noutra aula, mas agora propriamente de Português, a professora deu o período seguinte: — *Rogando-lhe, eternectido, D. Francisco de Mascarenhas, que se rendesse... mandou dividir e classificar as proposições ou orações, ensinando a classificar de comparativa a segunda — que se rendesse...*

Ora, francamente, aqui não se estabelece comparação nenhuma.

O que há aqui é uma oração integrante, ou *completiva*, ou substantiva, porque completa o sentido da antecedente, servindo-lhe de complemento directo.

No 5.º ano deu aos seus discípulos para classificarem a 2.ª oração deste período: *Tu não és dos nossos, que eu saiba, tradução literal do Livro Francês Tu n'es pas des nôtres, que je sache sob o título — Mort de Roland*.

Ora aquele — que — tanto em Francês como em Português exerce a função de complemento directo do predicado das respectivas proposições e corresponde à latina *quod sciam*, que, sintacticamente, se analisa como aquelas, não sendo lícito à senhora D. Maria Júlia classificá-la de condicional, como, erradamente, ensinou aos seus alunos.

Isto é claro; mas a senhora professora, certamente, por falta de arrumação desta matéria nas prateleiras do cérebro, baralhou, confundiu tudo. Isto não se acredita.

Ora valha-nos Deus!

Valha-nos Deus, sim, mas a Escola Secundária é que não pode, nem deve continuar a ser albergue de aleijados intelectuais, de professores incompetentes.

Por hoje ficamos por aqui, pedindo providências sobre o assunto a quem tem o dever de dar o remédio. E vejam agora, a Ex.ª Câmara Municipal e o seu representante, senhor Director da Escola Secundária os inconvenientes de a escolha dos

professores não ter sido feita por concurso, por enquanto o melhor processo para a escolha de funcionários.

Antes de terminar quero deixar bem expresso que me não move a mais pequena animosidade contra a senhora professora, em referência, a quem não conheço nem pessoalmente; nem contra o senhor Director — Paula Santos, ele bem o sabe, julgo eu.

Trata-se, apenas, como é evidente, de salvaguardar a nossa bolsa e sobretudo a educação e instrução dos nossos estudantes, para o que fazemos sacrifícios; a honra e dignidade de uma das mais belas instituições da nossa terra, a Escola Secundária da Câmara Municipal.

E não venham dizer que quem não estiver bem que se mude, como já ouvimos *balbuciar*, porque o Estado não participou com algumas centenas de contos para a construção daquele edifício, onde está instalada a Escola Secundária, para os alunos se mudarem, mas sim para os manter, educando-os e instruindo-os, convenientemente, para o que é indispensável ter professores competentes, não *paraquedistas do ensino*.

Figueiró dos Vinhos, Novembro de 1959.

Sérgio dos Reis

## AGUDA

### e a electrificação

O nosso último artigo submetido ao título acima e publicado em «A Regeneração» de 15 de Outubro, p. p. foi aqui muito apreciado e o jornal andou de mão em mão.

De muitos lados onde pulsam corações de Agudenses baírristas ciosos pelo progresso da sua terra, nos chegaram cartas, contendo palavras de incitamento e aplauso que muito nos penhoram e sensibilizam.

A todos os nossos agradecimentos.

Leitores amigos, não só é nas colunas amigas de «A Regeneração» que nós há dez ou doze anos a esta parte vimos batalhando por um melhoramento há muito prometido e que a nossa terra reclama e o bem comum exige, mas também na Imprensa Diária e aqui vo-lo afirmamos, continuaremos sem desfalecimentos até que Aguda, seja dotada com aquele melhoramento a que tem direito e que muitos lugares das freguesias vizinhas já hoje possuem.

A propósito ocorre-nos a seguinte passagem:

Ainda não há muito tempo passaram por aqui dois amigos de uma freguesia vizinha e ao depararem com as linhas de alta tensão por cima dos nossos telhados um diz-nos: «Os Agudenses bem podem ser acusados de desleixo e incuria, pois, há mais de dez anos que a electricidade passa e não fica.»!

O outro, certamente conhece o caso da luz no nosso concelho, apressa-se a dizer-nos: «Aqui é Figueiró, onde a electricidade é apenas para dois ou três.»...

C.

## O PROBLEMA DA LUZ

Continuação da 1.ª página

leitores a confrontarem as importâncias que pagam mensalmente em suas casas e as que pagariam num concelho da concessão da Companhia Eléctricas das Beiras, Repare-se; em Figueiró tudo é igual, excepto o preço e, claro está, a qualidade!...

Também sabemos que a Tarifa Comercial da C. E. B. vai de 2\$00 (1.º escalão) a 5\$0 (3.º) e a Tarifa Motriz oscila entre 1\$00 (máximo) e 3\$42 (mínimo).

E sabemos mais... que modernamente foi autorizado um acréscimo de 20% sobre estas tarifas (aumento a vigorar possivelmente em novos contratos) e que nos dará 2\$40; 1\$20 e 3\$48 para a Tarifa Doméstica no 1.º, 2.º e 3.º Escalões, respectivamente. Ora, resulta daqui que, mesmo neste caso, é possível ter energia melhor do que a nossa e bem mais barata!

Em suma: a população nada importa que o fornecedor seja A, B ou C. O que ela quer é obter dele, sempre e em qualquer caso, condições idênticas (em economia e qualidade) às dos vizinhos concelhos aludidos.

Impõe-se, além de se acautelar o fornecimento de energia boa a qualquer hora, rever, imediatamente, o preço dos escalões, equipando-os aos do Avelar, Pontão, Ansião, etc., etc.

Será pedir muito?...

Foquemos, por fim, só mais um problema e este de relevante importância: a falta de electrificação nos meios rurais.

Vimos lendo, quer nos periódicos regionais, quer na imprensa diária as reclamações justas das populações do nosso concelho, que, incessantemente, pugnam pela electrificação das suas povoações.

Em Figueiró dos Vinhos não há municipalização dos serviços eléctricos, já que a respectiva Câmara concedeu a uma Empresa particular a exploração da luz eléctrica.

Assim, das duas uma: ou a dita Empresa privada satisfaz os desejos dos habitantes das Bairradas, Aldeia de Ana de Aviz, Aguda, Campelo, Arega, etc., construindo a expensas suas os necessários ramais aéreos (facto que não acreditamos ser possível, nem sequer exigível), ou as ditas povoações fazem a despesa à sua custa...

Mas... e a participação do Estado?

Nos termos dum recente Decreto-lei, parece nos que é possível à Câmara Municipal pedir a Participação do Estado na electrificação dos meios rurais, mesmo em condições semelhantes às actuais.

Se isso é possível por que se não pede o imprescindível auxílio do Estado para uma obra que ele acarinha sobremaneira?

Mas... comece-se pela municipalização. O resto virá por acréscimo, como sucede, por exemplo, no vizinho concelho de Castanheira de Pera, onde antontem foram vistoriados mais alguns lugares acabados de electrificar.

## Moto BSA

Vende-se barata uma moto BSA de 150 CC, em bom estado. Tratar com Manuel Henriques Vinhas — Figueiró dos Vinhos.

## As faltas de Água

Continuação da primeira página

um quantitativo mínimo de água que raras vezes gastam. Nelas, se não houver água nas torneiras para cozinhar os alimentos, para satisfazer os mais elementares requisitos de higiene, etc., etc., é o menos! Que vão à fonte... Essa, graças a Deus é generosa todo o ano e a qualquer hora!

Mas afinal por que não há água?

Temos visto noutras terras prevenir a população dos dias e horas a que ela faltará por motivo de obras inadiáveis, de acidentes, etc. Em Figueiró isso não se faz por não haver imprensa, rádio, etc. Ah, esqueçiamo-nos. Existe pelo menos um meio que se nos afigura eficaz: o recurso ao Prior da freguesia que estamos certos não deixaria de avisar os seus paroquianos ao domingo e até de semana. Claro está que bem sabemos ser tudo isto aplicável ao caso de merecer a população alguma réstea de consideração...

Como não nos disseram, não sabemos ao certo por que não temos água tantas vezes. Temos, pois, de pôr hipóteses, naturalmente aquelas mais insistentemente apregoadas, mas, repetimo-lo, para nós hipóteses tão sòmente.

São duas as razões que a opinião pública aponta como mais plausíveis: carência de caudal e deficiências técnicas da rede distribuidora.

A primeira é de molde a causar sérias apreensões aos consumidores que há anos acharam magnífica a ideia da abertura do poço ao Caramoleiro, obra dispendiosa por certo, mas elegante de perfil e utilíssima na essência. Simplesmente, ouve-se agora dizer não passar dum lençol de água o anteriormente tomado por uma nascente. Se assim é, temos criado mais um problema, e bem sério, para Figueiró, até porque ele obrigará a completa revisão da questão da captação da água para a vila, assunto que muitos, e nós também, críamos solucionado.

Diz-se ainda que a situação dali derimente é agravada pelo facto do contributo do Vale de A'guas, local que antigamente abastecia a vila, ser quase nulo. A ser assim e considerando que não suportámos este ano um estio muito rigoroso, negros horizontes ensombrem o abastecimento de água a este lindo rincão.

Oxalá, todavia, que nenhuma daquelas hipóteses se confirme, já que as deficiências técnicas lograrão mais fácil solução.

E' certo que ultimamente como já frisámos tem havido muitos rebentamentos de tu-

bos, o que *a priori* nos venceria do mau estado de conservação da rede. O do Rego era de tipo Lusalite e ao que auscultámos do pessoal reparador foi muito difícil localizá-lo, por «apenas» uma pessoa, o sr. José Ferreira de Oliveira, que o ouvimos dizer conhecer a rede, visto a ter montado em Março de há 24 anos.

Enfim, acima navegávamos no campo das hipóteses na falta de esclarecimento oficial; aqui estamos a imiscuir-nos em questões de ordem técnica afins à secção de engenharia da Câmara Municipal.

Nada, pois, de divagações estereis. Proposemo-nos exclusivamente, analisar os trans-tornos que a falta de água nos causa e isso é facto incontestável que afecta a todos aqueles que têm instalações em suas casas.

Dada a particular acuidade do assunto, apelamos para a Ex.ª Câmara Municipal que estamos certos não deixará de fazer tudo o que for do seu alcance com vista à rápida debelação deste magno «calcanhar de Aquiles».

## Panorama de Campelo

### O Chafariz do Campelinho em perigo

Foi com vivo alvoroço que a população da pequena aldeia do Campelinho, a um tiro de Campelo, viu há anos resolvido o problema do abastecimento de água com a construção pela Câmara Municipal dum abundante chafariz, melhoramento que contou igualmente com a boa vontade, colaboração e até sacrifício dos campelinhenses. A água captada no barroco do Vale d' Obrigo é conduzida ao chafariz em tubos de LUSALITE.

Como se fez entretanto a captação da água? Por meio da compra, feita por dois particulares, do terreno onde se encontra a nascente; operação em que foi vendedor o sr. Sérvulo Simões Pereira.

Porém, e parece que por engano, o citado terreno estava plantado de eucaliptos, pertença doutro particular, árvores que ainda hoje se mantêm.

Ora, as raízes dos tais eucaliptos, alongando-se cada vez mais ocasionam o inevitável, isto é, o rebentamento sistemático dos tubos e se não fora a firme vontade da população em não deixar perder a sua fonte, há muito o chafariz não teria água, pois é já considerável o volume de despesas com reparações (sempre temporárias) que os habitantes do Campelinho têm suportado.

Há muito que se proclama ser o corte e arranque dos

Continuar na 2.ª página